



O outro e os processos de identificação em estudantes universitários e suas perspectivas filosófico/políticas

The other and identification processes in undergraduate students and their philosophical/political perspectives

DOI: 10.55905/revconv.16n.12-067

Recebimento dos originais: 03/11/2023

Aceitação para publicação: 05/12/2023

Diêgo Alves Fernandes

Doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - MINAS)

Instituição: Rede de Ensino Doctum

Endereço: João Monlevade - MG, Brasil

E-mail: psidiegofernandes@gmail.com

Vanina Costa Dias

Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - MINAS)

Instituição: Faculdade Ciências da Vida

Endereço: Sete Lagoas - MG, Brasil

E-mail: vaninadias@gmail.com

Jéssyca Buenos Aires

Mestra em Psicologia pela Université Paris VIII

Instituição: Rede de Ensino Doctum

Endereço: João Monlevade - MG, Brasil

E-mail: jessycabaires@gmail.com

RESUMO

O tema deste ensaio teórico objetiva compreender o que psiquicamente e no *laço social* contemporâneo está envolvido na perspectiva *filosófico-política* de estudantes universitários. A questão que norteou esta produção foi: quais aspectos *psíquicos* e *discursivos* estão envolvidos no *laço social* contemporâneo, que implica na opção *filosófico-política* de *estudantes universitários*? Como método, optou-se pela articulação dos conceitos: *processos psicossociais*, *subjetivação*, bem como, as concepções de Jacques Lacan sobre *identificação*, *estádio do espelho*, *laço social* e *outro/Outro*. Os resultados demonstram haver uma dinâmica *a priori*, decorrente das identificações e do *estádio do espelho* na relação parental; *a posteriori*, evidencia-se a importância dos *laços sociais* instituídos no período universitário como preponderante para novas *identificações* do *sujeito*. Tendo em todo este processo, o discurso do *Outro* como aquele que institui e regula o *laço social* do *sujeito* como imperativo relacionado a perspectiva filosófico-política dos estudantes.

Palavras-chave: identificação, estágio do espelho, estudantes universitários, laço social, outro.



ABSTRACT

The theme of this theoretical essay aims to understand what psychically and in the contemporary social bond is involved in the philosophical-political perspective of undergraduate students. The question that guided this production was: which psychic and discursive aspects are involved in the contemporary social bond, which implies the philosophical-political option of undergraduate students? As a method, we chose to articulate the concepts: psychosocial processes, as well as Jacques Lacan's conceptions of identification, mirror stage, social bond and other/Other. The results demonstrate that there is an a priori dynamic, resulting from identifications and the mirror stage in the parental relationship; a posteriori, the importance of social ties established during the university period becomes evident as preponderant for new identifications of the subject. In this entire process, the discourse of the Other as the one that institutes and regulates the subject's social bond as an imperative related to the students' philosophical-political perspective.

Keywords: identification, mirror stadium, undergraduate students, social-bond, other.

1 INTRODUÇÃO

Compreendendo a elaboração subjetiva à luz de que a esfera do sujeito é, *sui generis*, advindo da linguagem, e de um conchavo de relações presentes previamente ao nascimento. Isto surge como sendo o mito instituidor de uma história ímpar dentro da leitura psicanalítica, porque, para esta, o sujeito é constituído no relacionamento com *Outro*, por intermédio da linguagem, sendo atravessado pela função simbólica, bem como, o lugar do sujeito em conexão com o *Outro* é mediada pelas leis e convenções do registro simbólico (Vallejo; Magalhães, 1991).

Diante disso, é preciso ressaltar que um pôr lado a constituição do sujeito ocorre de forma *consciente*, mas de outro, *inconsciente*. Tem-se por suposição que este fato viabiliza trabalhar determinados impasses na contemporaneidade em relação ao dinamismo das peculiaridades psíquicas formadas na conjuntura histórica, social e grupal. Até porque, Freud (2011), indica estar demonstrado em todos os processos histórico-sociais-grupais, que ocorrem no íntimo do sujeito, que este último busca obter suas *satisfações pulsionais*, raro algumas exceções, abstraindo de suas reações com os *outros*. Ao passo que “na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado como modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social [...]” (Freud, 2011, p. 14, grifos do autor).

Como ressaltado por Freud, não é possível dissociar o sujeito de sua relação com a sociedade, reduzindo-o a uma espécie de atomismo, ou seja, uma partícula minúscula que pode ser separada do resto, neste caso a sociedade. Aqui começa quem sabe, uma possibilidade de



pensar pela psicanálise as relações instituídas pelos sujeitos em várias esferas de sua vida, no campo econômico, filosófico e também político. Ao se referir sobre algumas proposições freudianas, Lacan (1967), deixa, como é de seu hábito, um enunciado provocativo no seminário inédito *A lógica do fantasma*, que entra em consonância com o dissertado até aqui, ele diz que:

[...] se Freud escreveu em algum lugar que a anatomia é o destino', haverá aí talvez um momento quando se voltar a uma sã percepção do que Freud nos descobriu, se dirá não digo o mesmo 'política é o inconsciente', mas simplesmente: *o inconsciente é a política!* Quero dizer que o que liga os homens entre eles, o que lhes opõe é precisamente a motivação do que tentamos articular na lógica (Lacan, 1967, p. 350, grifos do autor).

O que Lacan quis dizer com “o inconsciente é a política? Será que se trata da representação conflitiva e das múltiplas disputas que tudo às voltas do *inconsciente* desperta e que analogamente esses reverses se assemelham aos encontrados no campo político? Ou ainda na sequência quando diz que o que liga os homens entre eles e o que lhes fazem se opor entre si. Poderia isso indicar algo sobre *laço social*? Partindo dessas provocações e indagações que o presente ensaio teórico visa suscitar o senso crítico ante as concepções *filosófico-políticas* de *estudantes universitários*.

O interesse pelo tema surgiu por ter chamado a atenção dos autores a forma com que alunos de graduação do curso de psicologia de uma faculdade em uma cidade mineira, manifestaram suas posições *filosófico-políticas* durante o período das eleições federais e estaduais no ano de 2018 no Brasil. Tendo em vista o impacto que direta e/ou indiretamente o âmbito político, econômico, familiar e social ocupa na vida das pessoas, este trabalho demonstra seu grau de relevância em diferentes esferas, como, por exemplo, no acadêmico-científico, clínico e social.

O método proposto para a realização do trabalho parte da utilização das concepções: *processos psicossociais* e de *subjetivação*, articulando-as a pressupostos da psicanálise *lacaniana*, a título de exemplo, os conceitos de *identificação*, *estádio do espelho*, *laço social* e *outro/Outro*. A opção metodológica foi estabelecida tendo dois quesitos nodais: O primeiro por tomar de empréstimo uma proposição sobre pesquisa em psicanálise realizada por Luíz Cláudio Figueiredo e Marion Minerbo. Esses autores asseveram que é preciso estabelecer uma diferença entre “pesquisa em psicanálise e pesquisa com o método psicanalítico”. A pesquisa em psicanálise, seria aquela que vincula-se a utilização da teoria e preceitos da psicanálise, não sendo



exigido que o pesquisador seja imprescindivelmente psicanalista. Ao passo que a pesquisa com o método psicanalítico é aquela que a falta do psicanalista enquanto psicanalista é incontornável (Figueiredo; Minerbo, 2006).

O segundo quesito, levado em consideração no caminho metodológico adotado, que se liga ao primeiro, é que partiu-se aqui diametralmente da via oposta da ortodoxia de pesquisas em psicanálise, isto é, os casos clínicos. O ponto de largada foram os *discursos no laço social* do *sujeito* que implicam sobre ele, ao que ficou justificado por meio das expressões *processos de subjetivação* e *processos psicossociais*. Assim, a apresentação argumentativa passou por demonstrar a possibilidade de problematizar o que no contexto sociocultural tem reverberado sobre o *sujeito*, levando-o a manifestar sintomaticamente suas aporias em torno da política. Inclusive aquelas as voltas dos conflitos familiares decorrentes do período de 2018.

O objetivo do presente artigo foi compreender o que psiquicamente e no *laço social* contemporâneo está envolvido na opção *filosófico-política* de estudantes universitários. Frente a isso, a seguinte problemática foi suscitada: quais aspectos *discursivos* estão envolvidos no *laço social* contemporâneo, que implica na perspectiva *filosófico-política* de *estudantes universitários*?

Na busca de elucidação da pergunta: destacou-se os processos de *identificação*, *estágio do espelho*, *Laço Social* e *outro/Outro* em Lacan como conceitos que viabilizam operacionalizar a hipótese de se ter elementos *inconscientes* que compõem a vida pregressa do *sujeito*, que implicam em suas perspectivas filosófico-política deles posteriormente; Além disso, foi apresentado proposições de elementos presentes no *laço social* contemporâneo que estão relacionados também se relacionam com a opção *filosófico-política* dos *estudantes universitários*. Especialmente o que institui e regula o *laço social* do *sujeito*, isto é, o *discurso do Outro*. Destacando porém, que ocorre uma “falha” na sustentação deste *laço social* em sincronicidade com o que Lacan denominou como declínio do *Nome-do-Pai* na atualidade sócio-cultural.

2 ELUCIDAÇÕES SOBRE MÉTODO: UMA PROPOSTA DE LEITURA DO TEMA

Como destaca Figueiredo e Minerbo (2006), em psicanálise três componentes estão unidos: pesquisa, prática clínica e teoria. Para Dunker (2021), o caso clínico é em essência o principal meio pelo qual a psicanálise apresenta sua eficácia, por intermédio da explicitação do



método correlacionado à psicopatologia. Além disso, o caso clínico também é o instrumento fundamental para se articular a confidencialidade privativa do tratamento e as expectativas de cientificidade ou justificação pública da psicanálise. Para determinados autores, a construção dos casos clínicos é o paradigma fundante da psicanálise enquanto método investigativo. Porém, ele continua e diz que a definição “extensional e intencional do que vem a ser um caso clínico é controversa” (Dunker, 2021, p. 441).

Todavia, sem entrar nas nuances do que Dunker (2021), discorre ao se referir a construção do caso clínico. Propõem-se pensar nas controvérsias da definição extenso-intencional do caso clínico como dito por ele – colocando como questão, se isso não possibilita pensar na aplicação do *método psicanalítico* na via oposta do convencional, ou seja, em lugar de investigar as questões do *inconsciente* que se dão em *transferência* no *setting* clínico – problematizar a partir dos fenômenos que acontecem no *laço social* e implicam sobre o *sujeito*¹. Não é incomum que seja a partir das dinâmicas que atravessam o *sujeito* no *laço social* que levam-no a buscar por análise. Diante da investigação dos discursos no *laço social* que possam estar produzindo respostas sintomáticas dos sujeitos, não seria uma maneira profilática do ponto de vista teórico-técnico para lidar com os conflitos que ele venha apresentar no *setting* clínico? A justificativa de positividade frente a essa interrogação está implícita nos argumentos apresentados anteriormente. A suspeita posta aqui, é que sim, é possível pensar a questão pela via inversa da *ortodoxia clínica*.

Outro ponto a ser levantado que corrobora com o método empreendido, aparece nas proposições de Luís Cláudio Figueiredo e Marion Minerbo. Eles sustentam que há uma diferença entre “pesquisa em psicanálise” e “pesquisa com o método psicanalítico”. Em suas palavras a pesquisa em psicanálise seria em sentido amplo, “um conjunto de atividades voltadas para a produção de conhecimento que podem manter com a psicanálise propriamente dita relações muito diferentes” (Figueiredo; Minerbo, 2006, p. 258). Nesse caso, pode ou não ser um psicanalista quem conduz a pesquisa. Em contrapartida a pesquisa com o método psicanalítico, tem insubstituívelmente a presença do psicanalista enquanto tal, mesmo que seus temas e alcances possam ter bastante alcance (Figueiredo; Minerbo, 2006).

¹ O sujeito em psicanálise, é o sujeito do desejo, que S. Freud descobriu no inconsciente (Chemama, 1995, p. 208). Já na chave de leitura em Lacan, podemos dizer que o termo sujeito, introduzido por de forma mais explícita na psicanálise pelo francês, está aí para tornar possível operar com a hipótese do inconsciente sem aniquilar sua dimensão fundamental de não sabido [...]. Poderíamos dizer que Lacan retoma literalmente a expressão "hipótese do inconsciente" e substitui "hipótese" por "sujeito" (Kaufmann, 1996, p. 502).



O presente ensaio está em consonância com a *pesquisa em psicanálise*. Mesmo que os autores tenham percurso em psicanálise e possam se autorizar enquanto psicanalistas – o objeto escolhido no estudo, leva metodologicamente estar na posição destacada. Isso porque, como já descrito, não está-se partindo aqui de casos clínicos, mas sim, da interpelação dos fenômenos *psíquicos* e dos *discursos* na contemporaneidade que implicam sobre as opções *filosófico-política* de estudantes de graduação. Ao passo que ao serem utilizados conceitos da psicanálise, que só poderiam manter sua justificação pública de eficácia e cientificidade com uma precisão mais confiável por meio de casos clínicos como dito por Dunker (2021). A proposta é utilizar o que convencionalmente denomina-se por *processos psicossociais*, em detrimento de *construção de casos clínicos*. Em outras palavras, a modificação da nomenclatura de *construção de casos clínicos* para *processos psicossociais*, não seria apenas um preciosismo estético ou estilístico, mas corresponde diretamente ao método empreendido.

Uma pesquisa “Processos Psicossociais” objetiva investigar as distintas concepções teórico-metodológicas que viabilizem discutir tanto sua dimensão conceitual quanto os fenômenos *psicossociais* envolvidos, tendo como mote os processos de subjetivação e o que daí emerge. A opção de tomar os “fenômenos psíquicos como processos de subjetivação” corresponde em tê-los invariavelmente numa motilidade transformativa, como imperativo da realidade histórico-social. No qual se faz necessário valer-se de uma transdisciplinaridade para abordá-los, o que viabiliza o diálogo com outras áreas de saber. Assim, *a subjetivação* significa que há um *sujeito* que se constitui na sua relação com o *outro*². Ao passo que na atualidade, ocorre limitações de apreensão da realidade psíquica por parte dos sujeitos, que encontram-se hoje reduzidos à condição de objeto (Marcos, 2010, p. 99).

Como expressado anteriormente, uma vez que a subjetivação alude a ideia de um *sujeito* constituído na sua relação com os *outros* como descrito por Marcos (2010). Os *processos psicossociais* referem-se à complexidade e indissociabilidade da interação entre fatores psíquicos e sociais que perpassa a constituição de um sujeito no laço social com o *outro*. Uma interpretação possível seria então dizer, que está em jogo tanto fatores intrapsíquicos, quanto intersíquicos, ou seja, como as pessoas lidam com sua realidade psíquica na sociedade atual e como elas são

² É necessário ressaltar que não fica claro se a autora toma a ideia de “outro” no sentido psicanalítico-lacaniano do termo. Porém, grafados a palavra em itálico, para destacar conforme o pensamento de Jacques Lacan. Além disso, neste ponto do trabalho a concepção de *Outro* com maiúscula, além da ideia de *laço social* foram apenas citadas, mas para manter uma fluidez da leitura e coerência argumentativa neste trecho, esses conceitos foram aprofundados nos tópicos subsequentes.



afetadas pelos *discursos* que circulam na contemporaneidade vigentes em determinado período sócio-histórico-cultural.

Para tanto, a proposição aqui descrita foi admitida a partir de alguns elementos-chave relacionados aos *processos psicossociais* como respaldo na tentativa de responder os questionamentos levantados em todo o trabalho. 1) os aspectos psíquicos, como, por exemplo, a forma que as pessoas lidam com o discurso que as atravessa e implica em como elas optam por determinado aspecto filosófico-político; 2) aspectos sociais implícitos nos processos psicossociais que abrangem as interações sociais, normas culturais, papéis sociais, influência de grupos, preconceitos, estereótipos e dinâmicas sociais. Os fatores sociais desempenham um papel importante na maneira como as pessoas se comportam e se sentem. Estando nisso o aspecto de *laço social* a partir do *discurso do Outro* que será melhor explicitado em outro momento do trabalho.

É preciso ressaltar que *processos psicossociais* variam significativamente dependendo do contexto cultural e social. O que é considerado normal ou aceitável em determinado ambiente cultural por vezes será diferente de outros. Portanto, é importante considerar as influências culturais ao analisar os processos psicossociais e seu impacto nas decisões e comportamentos do sujeito. Isso pode incluir escolhas pessoais, decisões de grupo, respostas a desafios sociais e até mesmo ações políticas, sendo este último o foco deste texto.

Cabe esclarecer ainda duas questões metodológicas: a população foco do estudo, ou seja, estudantes universitários; e o porquê das expressão *opção filosófico-política*. Sobre o público alvo do trabalho como já adiantado na introdução, foi diante da manifestação política polarizada no contexto brasileiro de 2018 que o interesse pela temática surgiu. O público escolhido advém dos pesquisadores estarem inseridos na universidade e intuir questionar pela via *psicanalítica* os *processos psíquicos* que poderiam estar envolvidos na problemática em torno da *política*. Uma vez que foi algo produtor de muitos reveses no período descrito entre a população brasileira em geral, incluindo os estudantes universitários, mas acima de tudo, da graduação em psicologia.

Porém, uma suspeita surgiu, a que leva à segunda questão metodológica elencada: Será que algo no período universitário contribui para a posição política dos estudantes? Foi então que presume-se haver um ideário *filosófico* construído durante a graduação que antecede a *opção político-partidária* feita pelos estudantes universitários. Sem entrar nos pormenores e reveses das definições do binômio direita-esquerda na ciência política –, mas não seria razoável, por



exemplo, que alunos que se *identifiquem* com autores como John Stuart Mill, José Ortega Y Gasset, Von Mises, Adam Smith, Hayk, Edmund Burke ou Roger Scruton, votassem em algum candidato que se apresente como *esquerda socialista* na política brasileira. E seu contrário também é válido, um aluno que ao entrar em contato com os pressupostos de Karl Marx e Elges, Marcuse, Adorno e Horkeimer ou Simone de Beauvoir entre outros, e que se *identifique* com esses pensadores, dificilmente optaria por um candidato que se diz *liberal* e de *direita* na cena política do Brasil. Assim, ao se cunhar filosófico-político a intenção é apontar para o fato de haver *identificações* no sentido mais estrito psicanálise do termo, com um ideário parental a princípio e filosófico durante a graduação que contribuem para a perspectiva político-partidária dos estudantes.

Tomar a constituição do *sujeito* na sua relação com o *outro*, é que será apresentada uma *proposição psicanalítica* acerca dos *processos psicossociais* relacionados a *opção filosófico-política* de estudantes de graduação. Cabendo apenas alertar neste ponto, que a pesquisa em psicanálise, em detrimento do estabelecimento de critérios universais de validação dos seus resultados de pesquisa, isto é, que arroga um tipo de saber universal, se concentra na busca de uma singularidade tomada como verdade do sujeito (Marcos, 2010).

Diante do explicitado, este trabalho não arroga responder teoricamente sobre as opções filosófico-política de todas as pessoas, pois generalizar em psicanálise, para dizer o mínimo é sempre arriscado e equivocado. Porque é no caso a caso, respeitando a radicalidade do desejo em seu absoluto singular que reside uma *práxis* fundamentada em uma ética da verdadeira psicanálise (Miller, 2011). Contudo, foi assumido um risco na tentativa de elaborar algo às voltas da *opção filosófico-política* como uma contribuição psicanalítica frente a emergência do tema. Cabendo aqui problematizar e indicar a vigoração de um tipo discursivo que vem gradual e progressivamente potencializando uma forma de subjetivação dos sujeitos no campo supracitado.

2.1 IDENTIFICAÇÃO E ESTÁGIO DO ESPELHO: UMA HIPÓTESE CONCEITUAL DOS FATORES PSÍQUICOS E SUAS REVERBERAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO DO INCONSCIENTE

Lacan (1998), afirma ser o *estádio do espelho* o período da história do sujeito que se inicia em torno dos seis meses de idade e tem seu término em torno de um ano e seis meses. Tempo em que a criança elabora a representatividade de sua unidade somática por identificação com a



imagem do *outro*. Porém, é preciso apenas alertar, que os seis meses a um ano e seis meses referidos por Lacan, não corresponde a maturação do estágio biológico, mas sim, a uma espécie de relacionamento, tendo por isso, a possibilidade de ocorrer tanto entre os seis meses a um ano e seis meses, como em qualquer outra idade. Nas palavras do francês, o estágio do espelho é compreendido como:

uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem — cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo imago (Lacan, 1998, p. 97, grifos do autor).

Neste sentido, pode-se dizer que o *estágio* ou *estádio do espelho* é condizente a uma forma prototípica de personificação das *imagos* de todas as relações progressas do sujeito. Ressaltando àquelas relações que são *sui generis*, as mais importantes para ele, sobretudo as relacionadas às figuras *parentais*. Mesmo que possa sublinhar o *estádio do espelho* como o ponto inicial de instituição do *eu* (Lacan, 1998). Todavia, não deve-se contemplar nessa fase o instante de instituição do *sujeito*, pois como indica Roza (2009), tal fase ainda é sujeita ao *imaginário*, ou seja, só é fabricado até então um ego [*eu*] especulativo, pois o sujeito só irá ser admitido como tal no decurso do *imaginário* ao *simbólico*, mediante a sua introdução no campo da *linguagem*.

Como destacado, o início da constituição do *Eu* ocorre no *estádio do espelho*. Assim, essa não é apenas a primeira vez que alguém se depara com sua própria imagem, mas antes de tudo, que reconhece-se frente a essa imagem, tendo então possibilidade de dizer “*Eu não sou ele*” [*refletido no espelho*]. Agora esse *Eu* que não é o *outro*, mas que se vê nele, começa a entender que possui um corpo. O imbróglio está pronto! Porque o *Eu* só é possível a partir do reconhecimento a partir de um *outro*, sendo este *outro* semelhante ao *Eu* que Lacan escreveu com “o” minúsculo. Antonio Quinet ressalta que foi a partir daquele que está diante de mim, que eu fui feito. “Eu é que sou feito à imagem e semelhança do outro”. O *Eu* e o *outro* se misturam, levando a pessoa a projetar no *outro* seus conteúdos, intenções, e até os seus pensamentos. Esse eu enxerga-se no *outro* com o qual identificou traços seus, o eu vê como seu ideal, que tanto admira. Podendo até mesmo dizer “como eu gostaria de ser igual a ele” (Quinet, 2012, p. 04).

É possível começar a ter uma elucidação mais objetiva sobre o que tange os processos de *identificação* do *sujeito*, porque é concebível admitir que a partir do *estágio do espelho*, o qual é um tipo de fase de conhecimento do próprio corpo, bem como, de reconhecimento do *outro*; o começo do estabelecimento de uma relação e distinção entre o *eu* em formação e o *outro*.



Destacando que essa relação com o *outro*, vai se esvaindo na jogada especulativa, em que ocorrerá, assim, uma deterioração ou alienação da primeira consciência. Isso porque a criança, ao buscar a realidade em si, encontrará só a imagem do *outro*, com quem se *identifica* e ao mesmo tempo que se *aliena* (Roza, 2009).

Na chave freudiana, a *identificação* é reconhecida na psicanálise como a mais primitiva manifestação de uma ligação emocional com *outro*, desempenhando um lugar nos primórdios do *Complexo de Édipo* (Freud, 2011). O conceito de identificações seria um movimento ativo e *inconsciente* de cada sujeito, ou seja, “*o desejo inconsciente de um sujeito de apropriar-se dos sentimentos e fantasias inconscientes do outro*” (Nasio, 1999, p. 83, grifos do autor).

Nesta perspectiva cabe perguntar, sobre quem são as figuras com quem a pessoa se *identifica* durante a infância e como isso funciona ao longo da vida dela? Além disso, se o conceito de *identificação* e de *estádio do espelho*, podem ser utilizados na compreensão do tema nodal deste trabalho, isto é, sobre quais aspectos *discursivos* estão envolvidos no *laço social* contemporâneo que implicam na opção *filosófico-política* de estudantes universitários. Como já adiantado anteriormente, são as *figuras parentais*, as *imagos* paterna e materna, consideradas importantes na vida de uma pessoa, aquelas que possuem primazia em “conceder” os mais diversos elementos que o sujeito passa a herdar no *processo de identificação*. Assim, pode ser um traço, um olhar, uma maneira de falar, a voz ou mesmo como ressaltado Nasio (1999), os desejos e fantasias *inconscientes* do *outro* que sirvam de elementos de *identificação* nessa relação.

Mas por que as *identificações* e o *estádio do espelho* são tão importantes nesse processo?

Porque:

O espelho é um anteparo ao inconsciente; o imaginário do olho da consciência é uma cortina à determinação do simbólico. Eu, como consciência, lido, rivalizado, desejo e brigo com os outros meus semelhantes desconhecendo o Outro do inconsciente, que me determina como sujeito. Assim, o outro como semelhante, é o objeto do amor narcísico: eu me amo no outro (que é meu reflexo). Trata-se do amor pelo mesmo, o amor narcísico, que Lacan qualifica como *hommossexual* (com dois “m”) para indicar que é um amor de homem (genérico) pelo homem – um *amor homen-sexual*. E que faz parte constitutiva de todo amor (Quinet, 2012, p. 16, grifos do autor).

Dessa forma, ao se pensar na possibilidade de utilizar os conceitos de *identificação* e de *estádio do espelho* para analisar as opções *filosófico-políticas* de *estudantes universitários*, considere-se plausível. Isso porque, uma vez que estas pessoas ocupam uma posição considerável



no *sujeito do inconsciente*, uma busca em *outros* no *laço social* que contenha traços semelhantes dessas pessoas importantes no decurso da vida do sujeito, não seria apenas admissível, mas totalmente esperado. Assim, tanto autores ao se pensar na questão filosófica, quanto políticos com quem os estudantes coadunam com seus ideários, serão admitidos na *lógica dos processos inconscientes das identificações*.

Algumas questões emergem diante do exposto até aqui: será que as *identificações* de gênese parental, permanecem no decurso de toda vida sem possibilitar espaço para novas configurações de *identificação* na relação com o *outro* nas interfaces culturais? Além disso, se as identificações e o estágio do espelho referem-se ao período imaginário que antecede a entrada do *infan* no campo da linguagem, não podendo falar aqui ainda de um sujeito como dito por Roza (2009), o que acontece ao entrar em cena esse sujeito do inconsciente? Quem determina esse sujeito em seus laços sociais, incluindo suas perspectivas filosófico-políticas? As respostas para essas questões serão exploradas na sequência na busca de explicar o fenômeno em torno da opção filosófico-política dos estudantes universitários.

2.1.1 O laço social, os discursos e o Outro: implicações e determinantes inconsciente sobre os estudantes universitários em suas perspectivas filosófico-políticas

Rubião (2013), destaca que a universidade nasceu na Idade Média. Contudo, o ensino superior remonta à antiguidade, como, por exemplo, a Alexandria, Grécia, Roma, e assim por diante. Na universidade existem características que fazem dela, algo que a distingue de outras instituições ao longo da história. Isso motivou o autor supracitado a levantar importantes questionamentos logo no primeiro capítulo do seu livro *História da Universidade: Genealogia para um “Modelo Participativo”*, onde pergunta acerca da influência da Igreja neste lugar, além do seguinte: “Será que essas peculiaridades, depois de tantos anos, ainda compõem o “inconsciente coletivo” da universidade?” (Rubião, 2013, local 421, grifos do autor).

A questão no presente ensaio distancia-se da problemática de Rubião por uma incompatibilidade epistemológica, ou seja, não seguir a proposta de um “inconsciente coletivo”. Em contrapartida, se aproxima de sua inquietação, por também suspeitar da existência de *determinantes* de ordem *inconsciente* sobre os *sujeitos* que circulam nesses espaços, no presente caso naquilo que implica sobre suas perspectivas filosófico-políticas.



Como ficou explicado no tópico anterior acerca do que está envolvido do ponto de vista psíquico nas *identificações* e no *estádio do espelho*. Contudo, falta responder o que faz uma pessoa se ligar ao *outro* no contexto social. Em outros termos e focando no tema central de nosso trabalho: será que existe algo no contexto universitário que leva os estudantes a se identificarem filosófico-politicamente? A hipótese é que sim e pode ser vista a partir de duas questões que ligam-se entre si: a primeira corresponde à teoria dos discursos, a outra, está relacionada ao *Outro* grafado com “O” maiúsculo por Lacan.

Em primeiro lugar esclarecemos a teoria dos discursos na interpretação lacaniana. Os *discursos* são os modos de relacionamento nos quais se encontram as profissões impossíveis e fonte do sofrimento humano como expressado por Freud (2010c): governar, educar, analisar. Resumidamente, segundo Quinet (2020), *governar* liga-se ao discurso do mestre no qual o poder é quem domina — *educar* diz sobre o saber que estrutura o discurso universitário — *analisar* surge no laço social através da invenção freudiana no início do século XX, no qual o analista “desaparece” enquanto sujeito, assumindo unicamente a condição de ser a causa libidinal do processo analítico — e por último, o discurso da histérica é aquele definido pelo sujeito da interrogação, que não apenas leva o mestre buscar um saber, não obstante, leva-o a produzir um tipo de saber. Contudo, Lacan acrescentou uma quarta profissão impossível às três apontadas por Freud, o *discurso da histérica* correspondente a *fazer desejar* (Quinet, 2020).

Essa questão é abordada por Lacan no Seminário XVII, *O avesso da psicanálise* (1969/1970), dessa maneira, ele irá dizer que:

Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem a palavra, que vem em seguida alojar-se neles. Assim, posso me dizer, a propósito desse fenômeno embriagador chamado tomar a palavra, que certas demarcações do discurso nas quais isto se insere seriam talvez de tal natureza que, vez por outra, não se a toma sem saber o que se está fazendo (Lacan, 1992, p. 177).

Ao tomar a descrição dos discursos feita pelo francês, podemos falar que há uma cadeia (articulação) de significantes que forma a estrutura dos discursos, ou seja, há algo que governa tudo e institui-se sem precisar obrigatoriamente de palavras, estando posto nessa lógica a condição *sine qua non* de produzir o *laço social*. Nesse sentido é que se encontra tudo aquilo que seja capaz de ordenar, sustentar e regular os vínculos entre os sujeitos na sociedade (Coelho, 2006). Conclui-se assim, que a primeira questão inconsciente às voltas das perspectivas



filosófico-políticas dos alunos universitários são os discursos que fazem laço. Mas o que sustenta essa discursividade? O que está em voga nessa teia de significantes? A resposta é o discurso do *Outro*. Entrando em cena então, o segundo ponto por trás das *identificações* filosófico-políticas dos estudantes na universidade.

Sobre isso Lacan irá dizer que:

Se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela falta, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante. Ora, o que é um significante? [...] um significante é aquilo que representa um sujeito, para quem? – não para um outro sujeito, mas para outro significante [...] O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante (Lacan, 2008, pp. 193-194, grifos do autor).

O *Outro* corresponde a um lugar na linguagem onde é posto para o sujeito as questões de sua existência, sexualidade e sua história. A própria condição do sujeito é indissociável dos desdobramentos que se dão no *Outro*. Freud tomou a expressão “*ein anderer Schauplatz*” para denominar o inconsciente, isto é, a Outra cena, o *Outro* palco. Isso equivale falar, que ao se pensar em sujeito, constata-se que este não possui uma identidade própria, mas que este sujeito é sim, representado por significantes advindos do lugar psíquico nominado por Lacan de *Outro*, o qual pode também ser descrito de o *Outro* do significante, o *Outro* da linguagem, ou ainda, o *Outro* do simbólico (Quinet, 2012, p. 16).

Para Jorge e Ferreira (2005), Lacan concebe a partir do ser da linguagem, a cadeia simbólica, como aquilo que determina o ser humano previamente ao seu nascimento, tal como, depois de sua morte. O *infan* aparece no mundo humano determinado por um discurso, onde vão inscrever as fantasias das *imagos* parentais, as questões culturais, a classe socioeconômica, o campo da linguagem, sua época, entre outras coisas. Tudo isso constitui o campo do *Outro*, lugar onde é constituído também o sujeito. Impulsionado por tudo isso, Lacan não apenas persiste na exterioridade do simbólico em relação ao homem, como também, apostará na sujeição desse homem a tal discurso.

Assim sendo, quando alguém pensa estar se vinculado ao *outro* no *laço social*, costuma-se atribuir isso a causas racionais e ligadas ao *Eu*, porém, como demonstrado no tópico anterior, o *Eu* confunde-se com o *outro* em um jogo especular ligada ao registro *imaginário*. Esse *Eu* se constituiu enquanto tal, em suas várias *identificações* com o *outro* da imagem. Tanto para Freud, quanto para Lacan, o que determina o que alguém vai desejar, pensar, sentir ou ser, não é o *Eu*,



mas é o *sujeito do inconsciente* determinado, para ficarmos na linguagem lacaniana, pelo *discurso* do *Outro*. Diríamos assim, que os reflexos produzidos em relação ao significante por aquele que fala, para indicar que este o momento em que *Eu* se perde e se encontra na palavra, é que “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (Lacan, 1998, p. 521).

Ao voltarmos ao cerne da questão aqui levantada, isto é, será que existe algo no contexto universitário que leva os estudantes a se identificarem filosófico-politicamente? Uma resposta viável poderia então ser que diante dos discursos com os quais os estudantes se deparam na cultura e conseqüentemente na universidade, passa a ter efeitos sobre eles, impondo-se dessa maneira, esse discurso do *Outro* do *inconsciente* que determina e regula com quem vai se *identificar* em todos os momentos da sua vida.

Todavia qual o motivo de pensar perspectivas *filosófico-políticas* em detrimento de ater-se apenas ao segundo dos termos, ou seja, a opção *política*? Algo que seria esperado tendo em vista que foi devido às eleições presidenciais e estaduais que a atenção se volta para o tema do trabalho. Porém, a decisão de grafar o termo *filosófico-político* está em sincronicidade com a ideia que ao inserir-se no contexto universitário, é possibilitado ao estudante o contato com diversos autores que passam a fazer parte daquele *ideário inconsciente*, implicando assim no que foi descrito por *identificações* no período *imaginário* e depois com a entrada no *estádio do espelho*, onde é inaugurado então, sua imersão no campo simbólico. Antes de nascer e agora mais que nunca, esse sujeito que existe e é determinado onde não é conforme nos diz Lacan (1967), passa a ser efeito dos discursos que o antecederam.

Como tudo isso pode ser percebido nas manifestações dos estudantes universitários uma vez que não se trata de algo proposto aqui como um fenômeno clínico? A resposta pode ser que não é incomum, para ficar em clichês, encontrar pessoas que começam a utilizar óculos redondo, retangular, ou ainda bolsas de couro, xales, mudar o visual por meio de uma barba, roupas ou outros utensílios característicos do autor, que no sentido estritamente psicanalítico do termo, com quem se *identifica*. Agora *Eu* sou “igual” ao *outro*, incorporo ele, o reproduzo em mim e *Eu* nele – ou vai para a outra chave, isto é, passo a rivalizar teoricamente com o *outro*, sem entender que por vezes, esta se vendo nele. Até porque, como dito por Quinet (2012), o *eu* e o *outro* se confundem. De maneira lacônica, pode-se concluir que o sujeito está enlaçado com *outro*, quer seja as figuras parentais, o ídolo no esporte, na música, o político, pensador ou par no *laço social*,



inevitavelmente determinado pelo discurso do *Outro*. Mesmo que não saiba, o *Outro* é o imperativo mais profícuo em tudo quanto ele pensa ser, ter ou desejar.

No entanto, há algo digno de nota antes do término que implica diretamente no que está se chamando aqui de *laço social*. Isso porque Lacan (1992), apresentou mais um discurso que seria um deslizamento do discurso do mestre, ou como dito por, o senhor moderno – estamos falando do discurso capitalista. O discurso capitalista é diferente de todos os outros citados, pois nele não há *laço social*, porque não existe relação entre capitalista e proletário, mas apenas objetos direcionados ao sujeito. Conforme aponta Lima (2013), na atualidade em que vigora o discurso capitalista, o *Outro* é erradicado, levando as pessoas não desejarem saber das questões do *Outro*. Qual seria o resultado disso? Que os laços sociais são cada vez mais solúveis e efêmeros, além de serem reduzidas às relações imaginárias instituídas durante o estágio do espelho.

A descrição a seguir pode auxiliar na compreensão do sujeito atravessado pelo discurso capitalista:

No avesso do discurso do analista, orientado pela experiência do impossível [...], nosso sujeito mergulhado no discurso capitalista é aquele que nada quer saber da experiência do impossível. Com seu desejo governado/ordenado/causado pelos objetos--mercadorias - pelas latusas cuja construção é viabilizada pela ciência -, ele é aquele para quem não existe nem o real nem o inconsciente; aquele que não quer saber nada disso'; aquele que constrói ao redor disso a barreira da sua "paixão da ignorância" [...] (Pacheco Filho, 2015, pp. 37-38, grifos do autor).

Por conseguinte, toda essa equação, é que o capitalista e o proletariado subjugam-se à destituição do laço social". Em outras palavras, não existe *laço social* no *discurso capitalista*. Assim, não há significantes que garantam o imperativo de sustentação de verdade alguma na discursividade lançada em direção ao *outro*. Algo que leva uma dissolução dessa relação

Vislumbrando uma guisa possível, ao se levar tudo isso em consideração, é importante frisar que as *identificações* e perspectivas *filosófico-políticas* das pessoas na contemporaneidade, o que inclui os estudantes universitários, constituídas durante o percurso na universidade, equivalem a mesma lógica capitalista, ou seja, a cada novo produto, abandono o antigo, pois não serve mais para os meus propósitos. Se tratando do campo das ideias e da política, isso claramente pode ser um problema de dimensões estratosféricas, pois para aqueles que orbitam os ambientes acadêmicos, fica cada dia mais patente, uma diluição das convicções filosóficas e políticas por parte de muitos. Especialmente aquelas perspectivas filosófico-políticas orientadas por uma



ética. Quem o diga os brasileiros que em 2018 viram ascender ao poder uma lógica discursiva da violência desmedida, da discriminação, da misoginia e do preconceito. Os efeitos desse *Real*, podem ser ainda sentidos, pois reverberam na polarização política que fendeu famílias e produziu disrupções que ainda estão sendo elaboradas por aqueles que buscam fugir da paixão da ignorância e vislumbram lidar minimamente com as questões do *Outro* quer em seu percurso universitário, quer depois dele.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da problemática levantada, ou seja, quais aspectos discursivos estão envolvidos no *laço social* contemporâneo que esteja implicando na opção filosófico-política de estudantes universitários. Foi demonstrado a possibilidade de haver uma relação que *a priori* decorrente das relações parentais por meio da *identificação* e do *estádio do espelho*. *A posteriori*, evidencia-se a importância dos *laços sociais* instituídos no período universitário como fator imprescindível para novas *identificações*, tendo uma centralidade o discurso do *Outro* como imperativo nas perspectivas filosófico-políticas de estudantes universitários. Ressaltando apenas, que é preciso atentar para a lógica do discurso capitalista que joga as questões do *Outro* no limbo da erradicação e do amor da ignorância.

Contudo, tendo em vista a natureza da psicanálise enquanto método, faz-se necessário apontar as limitações que o presente ensaio teórico apresenta. Em psicanálise, pesquisa, prática clínica e teoria estão intrinsecamente ligadas (Figueiredo; Minerbo, 2006). Então como exemplo de limitação é preciso que fossem apresentados casos clínicos, onde na *transferência*, apareçam elementos *inconscientes* que corroborem com as proposições suscitadas. Em outros termos, ao utilizar noções psicanalíticas às voltas da *identificação*, *estádio do espelho* e do *outro/Outro*, é sabido os problemas metodológicos que isso pode acarretar não havendo casos clínicos que auxiliem na sustentação e interpretação das hipóteses levantadas. Mas em última instância, acredita-se que a partir da metodologia proposta, algumas dessas controvérsias e limitações possam ter sido minimizadas.

Outra tensão teórico-metodológica do ensaio está na proposição lacaniana da verdadeira psicanálise ser aquela que isola a singularidade radical dos sujeitos em torno do seu desejo (Miller, 2011). Talvez seja apenas no caso a caso que torne viável a explicitação de como cada um se orienta *filosófico-politicamente*. Porém, esperamos que ao serem utilizadas as concepções



de *processos psicossociais*, tenhamos evidenciado sua ligação à ideia de *discurso do Outro* em Lacan. Pois para o autor em questão, a cultura e a sociedade, também são elementos constitutivos do *discurso* do *Outro* (Lacan, 2008). *Discurso do Outro* este que determina e regula todos os *laços sociais* do sujeito, algo que em nossa interpretação, está vinculado aos *processos psíquicos* em torno da opção filosófico-política de estudantes universitários.

Talvez seja preciso que mais psicanalistas venham se debruçar sobre os problemas *psicossociais* para construir possibilidades argumentativo-teóricas que ultrapassem as paredes dos consultórios e dos casos clínicos *stricto sensu*. Com isso, não queremos dizer que a lógica da psicanálise deve ser modificada, que desde sua gênese com Freud, é um método de tratamento clínico. Mas apenas destacar, que essas proposições funcionem como uma ampliação desse consultório, talvez, um “consultório do social”, e quem sabe, conduzido, para oferecer um novo *significante*, por “psicanalistas do social”.

Por fim, fica indicado que havendo novas formas de *identificação* análogas às que aconteceram no decorrer da vida pregressa e *constituição do sujeito do inconsciente*; seria isso algo que posteriormente implica nos *laços sociais* dos estudantes universitários em suas perspectivas filosófico-políticas que foram adotadas durante o percurso na universidade. Não podendo deixar de lado, uma perspectiva orientada por uma ética que vise dialetizar a erradicação do *Outro* própria do discurso capitalista.



REFERÊNCIAS

CHAVES, Messias E. O inconsciente é a política – ato/desato social. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, 52, dezembro de 2019. 181–188. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372019000200020

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

COELHO, Carolina M. S. Psicanálise e laço social - uma leitura do Seminário 17. **Mental**, Barbacena, jun 2006. 107-121. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v4n6/v4n6a09.pdf>

COSTA, Pedro H. L. *et al.* Do estado à micropolítica: laço social e modalidades de (r)existência. **Psicologia & Sociedade**, Uberlândia, 28, 2016. 26-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/RZWYdFfFV7s4GnvRk7bLkdh/?lang=pt>.

DUNKER, Christian I. L. **Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento**. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2021. 536 p.

FIGUEIREDO, Luís ; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 38, jun 2006. 257-278. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. p. 13-50.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, Sigmund **Obras Completas, volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund **Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. p. 13-123.

JORGE, Marco A. C.; FERREIRA, Nádia P. **Lacan, o grande freudiano**. 1. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 2005. Coleção Passo-a-Passo (56).

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KRUTZEN, Henry. **Índex de referências dos seminários de Jacques Lacan: 1952 a 1980**. São Paulo: Toro, 2022. coordenação Michele Roman Faria.



LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1949/1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1957/1998. p. 496-536.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M.D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964/2008. texto estabelecido por Jacques-Alain-Miller.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 14: a lógica do fantasma** [inédito]. Recife: Centro de estudos freudiano do Recife, 1966-1967. Publicação não comercial.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1969-1970/1992. texto estabelecido por Jacques-Alain-Miller.

LIMA, Nádia L. D. As Incidências do Discurso Capitalista sobre os Modos de Gozo Contemporâneos. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, XIII, n. 3-4, set/dez 2013. 461 - 498. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200002

MARCOS, Cristina. A pesquisa em psicanálise e a Linha de Pesquisa Processos Psicossociais do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Psicologia da PUC-Minas. In: KYRILLOS NETO, Fuad ; MOREIRA, Jacqueline **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena: EdUEMG, 2010. p. 99-112.

MILLER, Jacques-Allain. **Perspectivas do Escritos e Outros Escritos de Lacan**. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro : Zahar, 2011.

NASIO, Juan-Davi. **O prazer de ler Freud** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

OLIVEIRA, H. A gênese da teoria lacaniana do Estágio do Espelho: os materiais para a construção. **Dissertação de Mestrado em Psicologia**. Juiz de Fora. 2017.

PACHECO FILHO, Raul A. Compra um Mercedes Benz prá mim? **Psicologia Revista**, São Paulo, 24, n. 1, 2015. 15-44. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/24227>.

PEREZ, Daniel O. identificação, o sujeito e a realidade. Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiano-lacaniana. **Sofia Versão Eletrônica**, Vitória-ES, 6, n. 1, Jan.-Jul 2016. 162-210. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/13965/9888>.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. 1. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 2012. 84 p.

QUINET, Antônio. As novas formas do sintoma na medicina. In: PEIXOTO, Maria A. **Psicanálise, Capitalismo e Cotidiano [e-book]**. Goiânia : Edições Enfrentamento , 2020. p. 84-94



ROZA, L. A. , **Freud e o Inconsciente**. 24. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

RUBIÃO, A. **História da Universidade: genealogia para um modelo participativo**. [*e-book*].
Coimbra: Almedina, 2013.

STARNINO, Alexandre. Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário IX de Jacques Lacan. **dois pontos**, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 231-249, 2016. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/periodicos/dois-pontos/leitura/239/17279>

VALLEJO, A; MAGALHÃES, L. C. **Lacan: operadores da leitura** (2a ed.). São Paulo, 1991: Perspectiva.